

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

Pela segurança, clareza e actualização, e ainda pela sensibilidade literária a cada passo demonstrada, o novo livro de Campbell está destinado a ser um companheiro indispensável dos estudiosos da lírica grega arcaica.

M. H. R. P.

LIANA LUPAS e ZOE PETRE, *Commentaire aux «Sept Contre Thèbes» d'Eschyle*. Editura Academiei, Bucarest; «Les Belles Lettres», Paris, 1981. X + 301 pp.

Segundo se lê nas palavras introdutórias, esta obra representa o resultado de uma leitura global dos *Sete Contra Tebas* de Ésquilo, realizada por dois especialistas: um filólogo e um historiador.

Contrariamente aos receios das autoras, o trabalho não perdeu em coerência o que ganhou em complexidade. Estamos perante um comentário inteligente e diversificado de uma tragédia que não tem sido das mais favorecidas pela atenção dos modernos intérpretes de Ésquilo. Mas a importância do tragediógrafo justifica ainda assim que os estudos sobre os mais variados aspectos do drama sejam em número impressionante e disso dá conta uma bibliografia cuidadosamente elaborada, muito rica de informação, com que encerra o presente volume.

Depois de uma breve «notícia», em que são aflorados os pontos fundamentais da interpretação dos *Sete*, no contexto da trilogia a que a obra pertence, inicia-se o comentário minucioso do texto, em que os problemas são encarados, primeiro ao nível das grandes estruturas, depois ao nível de cada verso.

Na análise do *Prólogo* salientarei, em primeiro lugar, o comentário aos versos 4-9 que põem a tão controversa questão da atitude de Etéocles para com os deuses. Concorro que a natureza destas relações será precisada ao longo do drama (cf. por ex. os vv. 76-7, o v. 217 e o diálogo lírico-epirremático que vai do v. 686 ao v. 711), mas não vejo nas afirmações iniciais de Etéocles (vv. 4-9) qualquer espécie de ambiguidade: elas esboçam de imediato um rosto com traços vivos de ββους. Observação sugestiva a de que, no uso do processo comum da ironia trágica, a referência aos hinos e às lamentações, que tomarão Etéocles como objecto em caso de inêxito na guerra, prefigura a realização do treno final do drama.

Na análise dos vv. 10-16 aborda-se o problema da alteração do texto tradicional no que concerne fundamentalmente à ordem dos vv. 12-13, que deve ser invertida, na opinião das AA., para se alcançar uma referência às três idades da vida do homem, conforme se considera desejável. A eliminação da referência aos adultos parece-me, no entanto, mais lógica, dado que estes se encontram longe, nas muralhas, ocupados na luta contra o inimigo, e o objectivo de Etéocles é, no momento, atrair os jovens e os velhos para o esforço comum de defesa, de molde a mobilizar para a guerra todas as forças da cidade. Não julgo, pois, necessária a alteração da tradição manuscrita.

Na discussão do *Párodos* é devidamente valorizado o facto de o coro ser constituído por mulheres e rejeitada, com bom senso, a identificação precipitada de Etéocles e Polinices com individualidades conhecidas, contemporâneas de Ésquilo.

A análise do 1.º *Episódio* confere o devido relevo à problemática das relações de Etéocles com o Coro. É justamente assinalado o carácter difícil desta matéria que de há muito opõe os comentadores. Saliente-se o equilíbrio e a subtileza com que o assunto é tratado, parecendo particularmente esclarecedor o paralelo que aqui se estabelece entre o comportamento de Etéocles e o de Pelasgo, nas *Suplicantes*: este último, «rei-cidadão, tenta integrar as Danaides no universo da cidade, em vez de dele as excluir» (p. 72).

O significado da cena central dos *Sete* (vv. 369-719) é justamente sublinhado no comentário. Correcta a afirmação de que «a aparente monotonia destes cantos cobre de facto uma subtil evolução da apreensão para a confiança e da confiança para a incerteza e a dúvida» (p. 123).

Não cabe, evidentemente, aqui a referência particularizada à posição assumida pelas AA. perante muitas das inúmeras questões levantadas por um texto invulgarmente rico de dificuldades. Limitar-me-ei a salientar, mais uma vez, o equilíbrio demonstrado na abordagem dos problemas, a propósito do tratamento da *vexata quaestio* da cena final dos *Sete* (vv. 1005-1078). A atitude prudente que não condena em absoluto este controverso final é significativa da prudência exemplar que sempre animou as AA. ao longo do seu complexo e meritório trabalho.

Concluirei esta recensão, afirmando gostosamente que a variedade e a riqueza do comentário ideológico, linguístico e métrico, a importância normalmente conferida à análise dos factos de cultura e civilização e a perspectiva constante da análise do texto como uma obra de arte fazem deste fino e bem informado estudo sobre os *Sete Contra Tebas* um contributo muito valioso para a compreensão desta tragédia esquiliana.

M. O. PULQUÉRIO

LUIS DE CAÑIGRAL, *Estudios Métricos Sobre Apolonio Rodio*. Museo de Ciudad Real, Estudios y Monografías, 2, 1979. pp. 136.

Este livro é, com pequenas alterações, uma dissertação de licenciatura, apresentada em 1973 na Faculdade de Filosofia e Letras (Secção de Filologia Clássica) da Universidade Complutense de Madrid. O objectivo do A. é realizar um estudo sobre a métrica do hexâmetro de Apolónio de Rodes, segundo o modelo de investigação traçado por H. Frankel no seu famoso artigo «Der kallimachische und der homerische Hexameter» de 1926, trabalho que se encontra, ligeiramente refundido, em *Wege und Formen frühgriechischen Denkens*, 1960, sob o título de «Der homerische und der kallimachische Hexameter».

Na estrutura da obra de Cañigral distinguem-se duas partes: a primeira, «Del pie a la palabra», realiza uma selecção criteriosa das obras fundamentais sobre o verso épico de Apolónio desde as «Lectiones Apollonianae» de E. Gerhard, publi-